

# A PRIMAVERA ÁRABE ENTRE A DEMOCRACIA E A GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO

VISENTINI, Paulo Fagundes. Porto Alegre:  
Leitura XXI, 2012. 183 p.

Analúcia Danilevicz Pereira<sup>1</sup>

A chamada Primavera Árabe marcou o início do ano de 2011 e representou a abertura de mais uma fase de profundas transformações pelas quais o Oriente Médio vem passando. O desencadeamento de uma nova onda de revoltas, pacíficas ou violentas, despertou novamente a atenção internacional após uma década de certa apatia (iniciada pelos atentados de 11 de Setembro de 2001 e pela invasão do Afeganistão). Mas, ao longo dessa década, o conflito árabe-israelense, por exemplo, permaneceu, ainda que banalizado. A Turquia, parceiro desprezado pelos europeus, voltou-se para o Oriente Médio com um discurso cada vez mais “islâmico”, e com a clara intenção de disputar um espaço de liderança no mundo muçulmano. No Golfo Pérsico, o Irã avançou com seu projeto nuclear, apesar das sanções e ameaças de todo tipo. A situação do Iraque se manteve estagnada, à espera da retirada total das tropas norte-americanas e de uma possível influência iraniana sob os setores xiitas do país. E, mais recentemente, ainda que o governo da Síria possa ser substituído (o que ocorreu na Líbia) supostamente em decorrência dos desdobramentos do violento conflito (ou de intervenção estrangeira), fica a incógnita sobre o futuro.

A relação complexa entre os eventos passados e atuais em uma região cronicamente convulsionada como a do Oriente Médio é, geralmente, desprezada por aqueles que creditam “espontaneidade” às ações de uma nova “sociedade civil” organizada e globalizada, que demanda por democracia. No entanto, pouco se consegue explicar sob essa perspectiva (geralmente midiática), que cristaliza uma imagem estereotipada da realidade regional, seja em termos políticos e socioeconômicos, seja em termos ideológicos e culturais. Assim, com base em seus fundamentos históricos e através de uma apurada análise da evolução política da região, a obra *A Primavera Árabe. Entre a democracia e a geopolítica*

---

<sup>1</sup> Professora de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

*do petróleo*, de Paulo Fagundes Visentini, enfoca os acontecimentos atuais e seus possíveis desdobramentos a partir de suas formas e contradições específicas, mas, também, como parte de um processo mais amplo, relacionado às grandes questões internacionais.

Visentini é Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, na mesma Universidade. Um dos maiores especialistas brasileiros e com vasta publicação na área, Visentini realizou seu pós-doutorado na *London School of Economics*, sob a orientação de Fred Halliday, um dos principais orientistas da atualidade e reconhecido mundialmente (que, infelizmente, faleceu em 2010). Em sua obra, Visentini nos apresenta uma região que tardiamente (se comparada à ocupação africana e a da Ásia Oriental e Meridional), transformou-se em área de controle das potências ocidentais. Ao longo da Guerra Fria, diferentes experiências resultaram em uma evolução política bastante diversa. Ditaduras militares, repúblicas conservadoras, monarquias tribais e Estados revolucionários caracterizam os diferentes sistemas políticos da região. Com o final da Guerra Fria e, na sequência, com a crise do capitalismo mundial, as condições socioeconômicas e políticas se transformaram substancialmente, atingindo profundamente esses países. Como consequência, a precariedade das condições sociais e materiais despertaram o espírito de contestação dessas sociedades, em um novo quadro regional e internacional.

Com o fim do sistema bipolar que caracterizou a Guerra Fria, o mundo árabe, unido de maneira artificial em torno do arabismo e da luta contra Israel, acabou revelando a profundidade de suas divisões. Assim, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos e a OTAN tentam garantir o controle sobre a região, que é considerada estratégica, pois detém a metade das reservas mundiais de petróleo, novas tendências político-diplomáticas emergem em um contexto de crise mundial, a exemplo das relações com a China, Índia, Rússia e Brasil.

A obra está estruturada em seis partes. Como ponto de partida, são analisados os processos de descolonização e a formação dos Estados no Oriente Médio; a criação do Estado de Israel e o problema palestino; e os conflitos interárabes. O Oriente Médio, região extremamente importante para o imperialismo britânico no século XIX, logo se tornaria um espaço para a afirmação dos interesses geopolíticos e petrolíferos das potências ocidentais. Em seguida, as guerras árabes-israelenses dos anos 1960 e 1970, assim como as revoluções e conflitos dos anos 1970 e 1980 são avaliados. Nesse contexto, os conflitos regionais se agravaram e adquiriram nova dimensão. O nasserismo sob pressão e a ascensão dos árabes conservadores permitiu que os países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) utilizassem novos

recursos, entre eles o petróleo, na formulação de suas políticas externas. E ainda, as revoluções dos anos 1970 no Irã, no Afeganistão e no Iêmen do Sul tornaram as relações regionais e internacionais ainda mais complexas.

A terceira parte da obra trata fim da Guerra Fria e seus impactos no Oriente Médio. Se por um lado houve o acirramento da violência no contexto da Guerra do Golfo e a retomada do Grande Jogo na Ásia Central, por outro, esse período criou as condições para as tentativas de pacificação do conflito árabe-israelense, embora o processo de paz Israel-OLP tenha se caracterizado por avanço e recuos. Na sequência, a Guerra ao Terrorismo e a intervenção norte-americana no Afeganistão, a invasão do Iraque, o “atoleiro” do conflito Israel-Palestina e a nova geopolítica do petróleo são objeto de discussão. Depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001, a região passou a ser vista como um fator desestabilizador, mas com imensos recursos e posição estratégica. Além disso, trata-se de uma região indefesa e culturalmente estigmatizada. No entanto, há um intenso processo de modernização que é acompanhado por uma reação atávica (violência e fanatismo que também caracterizaram a modernização europeia nos séculos XVII e XVIII).

A quinta parte da obra discute “as duas faces da Primavera Árabe”. A onda de protestos que varreu o mundo árabe desde dezembro de 2010 demonstra que os anseios populares contra os regimes políticos e as condições de vida são acompanhados por uma silenciosa transformação da sociedade. Nesse sentido, o autor analisa os levantes “contidos” na Tunísia, no Egito e nas petromonarquias, como também o golpe fracassado, a guerra civil e a intervenção da OTAN na Líbia. Por fim, são discutidos os conflitos e seus impasses na Síria e no Iêmen.

A sexta e última parte avalia a transformação social e as novas potências, momento em que o autor apresenta o Islã e seus processos de modernização socioeducacional e demográfica, a estratégia das “Revoluções Coloridas” (estratégia de mobilização para provocar uma mudança pacífica de regimes políticos desgastados), e os novos fenômenos que marcam a realidade regional, como a situação do Irã. Contudo, são apresentadas as tendências político-diplomáticas em um quadro de crise mundial, que revelam o papel de novos atores internacionais na região, a exemplo da China, da Índia, da Rússia e do Brasil. A emergência dos Estados que compõem os BRICS e sua projeção para o Oriente Médio e para a África acabou por despertar os estrategistas norte-americanos e revelar um novo jogo de poder (e uma disputa por formas de governança), que podem pesar no frágil equilíbrio mundial.

Contudo, cabe registrar que o intenso movimento de transformação das forças políticas e sociais no Oriente Médio, diferentemente do período da Guerra Fria, não permite definir com precisão os possíveis alinhamentos, ou

enquadramento dos atores. A razão de tamanha indefinição está ligada justamente às incertezas acerca dos resultados desse movimento. Mas, ao mesmo tempo, há indícios que nos levam a crer na vontade (e necessidade) de construção de um novo modelo socioeconômico, original, autônomo, mas apoiado na experiência histórica desses povos e influenciado pela realidade internacional, igualmente em mutação. Todavia, esse caminho não está imune às contradições intrínsecas a todo o processo histórico.

Recebido em Outubro de 2012  
Aprovado em Outubro de 2012